

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). *In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

O texto foi tema de uma palestra realizada no quinquagésimo aniversário de fundação da Universidade das Índias Ocidentais, em 1998. Coincidentemente, em 1948 desembarcaram migrantes civis caribenhos no Reino Unido. Nessa época, iniciou-se a migração caribenha para a Grã-Bretanha, o que significou o nascimento da diáspora negra afro-caribenha no pós-guerra.

Estuda os mitos fundadores do conceito de diáspora e aprofunda-se na questão do hibridismo, das reconfigurações e da cultura caribenha; essa, segundo ele, é “impelida por uma estética diaspórica” (p. 34). Fala um pouco sobre a globalização, tema ao qual recorre novamente em sua conclusão.

É a partir da noção de identidade cultural dos migrantes caribenhos que Stuart Hall introduz seu texto. Trabalha a questão da diáspora ocorrida com os assentamentos de negros caribenhos no Reino Unido, relacionada com as complexidades de se imaginar a nação e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente. Hall ressalta a importância das questões geradas pela diáspora, por serem centrais “não apenas para seus povos, mas para as artes e culturas que produzem, onde um certo sujeito imaginado está sempre em jogo” (p. 26). Cita a obra de Mary Chamberlain, o livro *Narratives of Exile and Return*, que enfatiza como os elos permanecem fortes, apesar do distanciamento da terra natal – quadro confirmado por pesquisas com os migrantes caribenhos residentes no Reino Unido. Na obra, os entrevistados de Chamberlain falam também sobre a dificuldade dos que retornam em se religar a sua sociedade de origem. Hall afirma que “Na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (p. 27).

Sobre a identidade cultural, presume-se que seja fixada no nascimento, parte da natureza, impressa através do parentesco e dos genes. A pobreza, o subdesenvolvimento, etc. podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão. “Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (p. 28).

Essa interpretação do conceito de diáspora (termo modelado na história moderna do povo judeu) é a mais familiar entre os povos do Caribe. Porém, segundo Hall, para eles é mais significativa a versão da história no Velho Testamento, muito mais potente para o imaginário dos povos negros do que a história do Natal.

Nessa metáfora, a história “circula de volta à restauração de seu momento originário, cura toda ruptura, repara cada fenda através desse retorno” (p. 29). É um cordão umbilical que chamamos de “tradição”, cujo teste é a fidelidade às origens, sua “autenticidade”.

Os mitos fundadores da identidade cultural são, por definição, transitórios: “não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente aistóricos” (p. 29). A história é linear; a estrutura narrativa dos mitos é cíclica. Mas dentro da história, seu significado é frequentemente transformado.

Aqui surge um paradoxo. Um povo não pode viver sem esperanças, mas surgem problemas ao interpretar tão literalmente nossas metáforas. A verdade é que “nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas,

mas diversas” (p. 30). O conceito de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença: por um lado está fundado em uma idéia que depende da construção de um “Outro”, e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Por outro lado, sabendo que o significado é crucial à cultura, temos a noção moderna pós-saussiriana que insiste que o significado não pode ser fixado definitivamente, pois está sempre em movimento. Hall afirma que “A distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (p. 31).

Para Mary Louise Pratt, através da transculturação “grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante” (p. 31). Contudo, Hall cita que os hábitos e costumes de Barbados são uma tradução feita através da escravidão africana, que na época reconfigurou a paisagem barbadiana.

Hall fala que a cultura caribenha é irremediavelmente “impura”, essencialmente impelida por uma estética diaspórica, e cita o Caribe como um dos cenários chave do início da globalização. Sobre a globalização pós-1970, afirma que é uma fase “transnacional” do sistema, o qual “tem seu ‘centro’ cultural em todo lugar e lugar nenhum. Está se tornando descentrada” (p. 36).

Assim, a perspectiva diaspórica da cultura pode ser vista como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. “Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o lugar” (p. 36).

Em seguida o texto discorre sobre o hibridismo cultural refletido nos estilos musicais como a Jungle Music, e nas artes visuais citando as obras do caribenho Aubrey Williams.

Antes de partir para a conclusão, fala ainda da importância da África, ao dizer que “cada movimento social e cada desenvolvimento criativo nas artes do Caribe neste século começaram com esse momento de tradução do reencontro com as tradições afro-caribenhas ou o incluíram. Não porque a África seja um ponto de referência antropológico fixo[...] A razão para isso é que a África é o significante, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim” (p. 41). Para Hall, “as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos” (p. 35/36).

O texto é concluído com as afirmações:

1. A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta: é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”.
2. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.
3. A Globalização vem elucidando as trevas do próprio “iluminismo” ocidental. As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão “naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera”.
4. Há dois processos opostos em funcionamento nas formas contemporâneas de globalização: Existem as forças dominantes que ameaçam subjugar todas as culturas que aparecem, impondo uma mesmice cultural homogeneizante (seus efeitos podem

ser vistos em todo o mundo); e os processos que sutilmente estão descentrando os modelos ocidentais, levando a uma disseminação da diferença cultural em todo o globo.

5. Para Hall, “A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de ‘pertencimento cultural’, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro. Esse é o caminho da ‘diáspora’, que é a trajetória de um povo moderno e de uma cultura moderna” (p. 47).

Saul Edgardo Mendez Sanchez Filho. Mestrado em Cultura e Turismo/DLA/UDESC. Pesquisador bolsista/CAPES. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Netto Simões. Grupo de Pesquisa ICER.